

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

**Alexsandro Teixeira Ribeiro**  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

**Alexsandro Teixeira Ribeiro**  
(Organizador)



**Atena**  
Editora

Ano 2021

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará

Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

## **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

## **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza

Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Sociologia: das ausências às emergências

**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Maria Alice Pinheiro  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Alessandro Teixeira Ribeiro

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S678 Sociologia: das ausências às emergências / Organizador Alessandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-970-7

DOI 10.22533/at.ed.707211504

1. Sociologia. I. Ribeiro, Alessandro Teixeira (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

Combater a ausência a partir da emergência. Boaventura de Sousa Santos, um dos principais sociólogos da atualidade, aborda em seu pensamento a necessária quebra da colonização e da razão indolente, para o estabelecimento de um paradigma norteado pela multiplicidade de identidades e pela atuação contra-hegemônica a partir da abordagem do cosmopolitismo.

Esta perspectiva sociológica é o que norteia a edição da presente obra intitulada “Sociologia: Das Ausências às Emergências”, livro que reúne diversas contribuições para o debate de temas relativos ao cenário de diversidade e de pesquisas e abordagens teóricas descolonizadoras. Os capítulos da obra são resultantes de artigos e divulgação de investigações ancorados no campo da Sociologia, mas que dialogam com outras áreas do saber, como história, ciência da saúde, direito, comunicação, dentre outros.

Da mesma forma que o conceito central do livro é de origem e de debate múltiplo, as pesquisas que reforçam o conceito das Ausências às Emergências também são de localidades distintas, reforçando o caráter cosmopolita da pesquisa. Assim, as contribuições da presente obra não se encerram no cenário de excelência em pesquisa nas instituições privadas e públicas do Brasil, mas ultrapassam os limites nacionais para reunir também pesquisas desenvolvidas no eixo ibérico, em especial em universidades e centros de pesquisas de Lisboa, Braga e Madrid.

O quadro final é o de um livro com múltiplos olhares científicos que aprofunda olhares sobre temas como democracia racial, a luta das Mães de Acarí por justiça, a ética do cuidado, a identidade laboral, questões ambientais, e até a necessária inclusão da Sociologia no currículo básico de ensino. A relevância dos temas, a profundidade das análises e o rigor das investigações tornam a coletânea “Sociologia: Das Ausências às Emergências” uma leitura fundamental para o debate dos assuntos invisibilizados socialmente, e para quem busca tornar presentes e reais os assuntos ausentes.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

A CRISE DA MODERNIDADE OCIDENTAL E A PÓS-MODERNIDADE NO PENSAMENTO SOCIOLOGICO DE BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Rodrigo Davi Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.7072115041**

### **CAPÍTULO 2..... 17**

A DEMOCRACIA RACIAL COMO UM PROJETO DE PLANIFICAÇÃO SOCIAL NO PENSAMENTO DE GUERREIRO RAMOS

Nikolas Gustavo Pallisser Silva

Alan Caldas

**DOI 10.22533/at.ed.7072115042**

### **CAPÍTULO 3..... 38**

EL IMPACTO RELACIONAL DE LA POBREZA EN LA INFANCIA Y LA ADOLESCENCIA APORTES DESDE EL ANÁLISIS DEL BIENESTAR DE LA INFANCIA EN ESPAÑA 2007-2015

Gonzalo de Castro Lamela

Clarisa Giamello

**DOI 10.22533/at.ed.7072115043**

### **CAPÍTULO 4..... 52**

O REGIME DE PODER E O CONTEXTO DA PANDEMIA DO COVID-19: UMA ANÁLISE DE MICHEL FOUCAULT À ACHILLE MBEMBE

Diego Borges Cordeiro

**DOI 10.22533/at.ed.7072115044**

### **CAPÍTULO 5..... 67**

MISSÕES DE PAZ DA ONU SOB A PERSPECTIVA DA ÉTICA DO CUIDADO

Claudia Santos

Marlene Tamanini

**DOI 10.22533/at.ed.7072115045**

### **CAPÍTULO 6..... 83**

DA EMERGÊNCIA DO PROBLEMA AMBIENTAL À EMERGÊNCIA DO AMBIENTE NA SOCIOLOGIA

Nuno Manuel dos Santos Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.7072115046**

### **CAPÍTULO 7..... 98**

DE DENTRO E DE FORA: ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO E PERMANÊNCIA EM UMA COMUNIDADE RURAL NO LITORAL NORTE DA BAHIA

Diana Anunciação Santos

**DOI 10.22533/at.ed.7072115047**

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>110</b>
ENTRE PORTUGAL E ESTADOS UNIDOS: O IMPACTO DAS DESIGUALDADES EM DUAS ROTAS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS	
Rovênia Amorim Borges	
Renísia Cristina Garcia-Filice	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7072115048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>125</b>
ESPACIALIDADES DO ESPIRITUAL NA PINTURA PÓS-MODERNA: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO TRANSCENDENTAL MÍSTICO NA LINGUAGEM PICTÓRICA DA OBRA DE ARTE	
Salomé Marivoet	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7072115049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>140</b>
SIGILO PROFISSIONAL EM EQUIPES INTERPROFISSIONAIS: ALGUMAS REFLEXÕES	
Isabela Sarmet de Azevedo	
Bárbara Carlos Souza	
Juliana Manhães Fernandes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70721150410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>152</b>
FORMAÇÃO DOCENTE E MERCADO DE TRABALHO: A INSERÇÃO DOS EGRESSOS DA LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS CDSA/SUMÉ NO MERCADO DE TRABALHO NO PERÍODO DE 2013 A 2017	
Edmilson Cardoso da Silva	
Diane Ângela Cunha Custódio	
Ana Lúcia Nery Sabath	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70721150411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>166</b>
MOVIMENTOS SOCIAIS E CLASSES SOCIAIS NA COSTURA	
José Guirado Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70721150412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>180</b>
O HISTÓRICO DAS LUTAS PELA INSERÇÃO DA SOCIOLOGIA NO CURRÍCULO BÁSICO DE ENSINO BRASILEIRO: REFLEXÕES ACERCA DO ENGAJAMENTO DA COMUNIDADE ACADÊMICA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS	
Suelén Alves da Silva	
Sabrina da Silva Sousa	
Marco Aurélio Neves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70721150413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>193</b>
UMA TIPOLOGIA DOS ESTUDOS SOBRE O PODER LOCAL NO BRASIL: CAPITALS, ESTRUTURAS E INSTITUIÇÕES	
André Barsch Ziegmann	
<b>DOI 10.22533/at.ed.70721150414</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>207</b>
DESMISTIFICANDO UM CLAMOR SOCIAL CRIMINOSO E CRIMINALIZANTE Rafaela Lourenço da Silva Alexandra Lourenço <b>DOI 10.22533/at.ed.70721150415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>220</b>
A LUTA DAS MÃES DE ACARI POR JUSTIÇA Dandara Vicente Soares <b>DOI 10.22533/at.ed.70721150416</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>232</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>233</b>

## ENTRE PORTUGAL E ESTADOS UNIDOS: O IMPACTO DAS DESIGUALDADES EM DUAS ROTAS DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS

Data de aceite: 01/04/2021

Data de submissão: 19/01/2021

### Rovênia Amorim Borges

Universidade do Minho, Instituto de Educação  
Braga, Portugal  
<https://orcid.org/0000-0001-8259-5623>

### Renísia Cristina Garcia-Filice

Universidade de Brasília, Faculdade de  
Educação  
Brasília, DF  
<https://orcid.org/0000-0003-4595-9744>

Este trabalho foi originalmente apresentado no IX Congresso Português de Sociologia, realizado em julho de 2016 na Universidade do Algarve, Faro, Portugal.

**RESUMO:** Este artigo discorre sobre duas contradições evidenciadas pelo Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) no contexto do novo paradigma desenvolvimentista no Brasil: o fluxo inicial da mobilidade para Portugal em decorrência de inexistência da barreira linguística, e que foi direcionado para os Estados Unidos após a intervenção do governo brasileiro, e o perfil elitista dos estudantes de ensino superior enviados para instituições estadunidenses. Os dados analisados vieram de dois sites oficiais do programa – o Painel de Controle e o Bolsistas pelo Mundo – e ampliados com informações de amostra de pesquisa, composta por 1.283 bolsistas de graduação do CsF nos EUA. Os

cruzamentos estatísticos tiveram o suporte do software IBM SPSS e revelaram o impacto das assimetrias sociais e raciais na composição da mobilidade, que se configurou como espaço de privilégio para estudantes brancos (61,7%), do gênero masculino (57,2%) e de classe alta (36%). O artigo reitera a urgência de investir em maior qualidade no ensino de línguas estrangeiras no Brasil e a importância de observar a intersecção de diversas variáveis nas políticas de internacionalização, como condição *sine qua non* para que as desigualdades não se perpetuem nos patamares mais elevados de formação e de qualificação profissional na sociedade e economia do conhecimento do século XXI.

**PALAVRAS - CHAVE:** Ciência sem Fronteiras; internacionalização da educação superior; interseccionalidade, língua inglesa; Brasil/Portugal.

### BETWEEN PORTUGAL AND THE UNITED STATES: THE IMPACT OF INEQUALITIES ON TWO ROUTES OF THE SCIENCE WITHOUT BORDERS PROGRAM

**ABSTRACT:** This article discusses two contradictions evidenced by the Science without Borders Program (SwB) in the context of the new developmental paradigm in Brazil: the initial flow of mobility to Portugal due to the lack of language barrier, directed to the United States after the Brazilian government intervention and the elitist profile of students sent to US institutions. The data analyzed were obtained from two official websites of the program – the Control Panel and Scholarship holders around the World - and expanded with data collected from own research,

consisting of 1,283 undergraduate SwB fellows in the USA. The Statistical Analysis were supported by the SPSS software and revealed the impact of gender, race and social class inequalities in the exchange composition, which is configured as privileged space for white students (61.7%), to the male gender (57.2%) and upper class (36%). The article reiterates the urgency to invest in higher quality of teaching foreign languages in Brazil and the importance of observing several variables in internationalization policies, as a sine qua non condition to avoid the inequalities to be perpetuated in higher levels of training and professional qualification in the knowledge-based society and economy of the twenty-first century.

**KEYWORDS:** Science without Borders; internationalization of higher education; English language; intersectionality; Brazil/Portugal.

## 1 | INTRODUÇÃO

Nas duas primeiras décadas do século XXI, nos governos de Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), o Brasil ensaiou uma retomada das políticas desenvolvimentistas<sup>1</sup> que haviam sido interrompidas pela crise econômica nos anos 1980, abrindo espaço às propostas neoliberais. Todavia, as alterações na governança nacional ocorreram *pari passu* à dinâmica da chamada economia do conhecimento e levaram o país a considerar as políticas educacionais na agenda estratégica para favorecer e aumentar a competitividade de empresas nacionais no mercado mundial.

Dessa forma, frente ao projeto neoliberal que caracterizou as duas últimas décadas do século XX, o Estado brasileiro buscou uma política alternativa de desenvolvimento que compatibilizasse crescimento econômico com equidade social. De acordo com Sicsú et al. (2007, p. 508), o novo desenvolvimentismo ancorou-se na concepção de um Estado forte e indutor de um setor produtivo inovador e competitivo, capaz de ampliar a participação do país no mercado internacional. Para tanto, o Estado forçou-se a protagonizar políticas para “eliminar as desigualdades exageradas de renda e riqueza” e a responder a compromissos de campanha assumidos com os movimentos sociais, em particular o movimento negro (FILICE, 2011).

Assim, o novo desenvolvimentismo colocado em prática pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu, entre outros aspectos, a estratégia de impulsionar áreas específicas do setor produtivo nacional em que o país apresentava potencial de competitividade no mercado global. Nesse propósito, políticas educacionais voltadas ao progresso técnico e científico foram alçadas à centralidade nos governos Lula e Dilma. O Programa Ciência sem Fronteiras (CsF) surgiu em meio a essa nova conjuntura política interna, mas atrelada à dinâmica do capitalismo global.

Este artigo discorre sobre a complexidade acerca dessa nova fase de internacionalização da educação superior no Brasil, sob o olhar acurado de o quanto as desigualdades estruturais da sociedade brasileira impediram a justiça social no processo

---

<sup>1</sup> Sobre a fase não consensual de um novo desenvolvimentismo no Brasil, ver Fonseca et al. (2013) e Boito JR.; Beringer (2013).

seletivo do programa de mobilidade. Para isso, são apresentados dados oficiais do CsF e de pesquisa autoral (BORGES, 2015), resultado de mestrado profissional em Educação concluído em 2015 na Universidade de Brasília (UnB). O estudo revelou que o referido programa configurou-se em espaço de exclusão para estudantes pobres e negros, na sequência de um paradoxal projeto de social-desenvolvimentismo que, retoricamente, moldou suas políticas para fomentar crescimento econômico com redução de desigualdades.

## 2 | O DESAFIO DA EQUIDADE NA INTERNACIONALIZAÇÃO

O Estado novo desenvolvimentista no Brasil, que tomou forma a partir do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), buscou incorporar nas políticas públicas a concepção teórica de interseccionalidade<sup>2</sup>. De acordo com essa perspectiva, em sociedades desiguais como a brasileira, a “coexistência de eixos de subordinação entre indivíduos e grupos” (Heilborn *et al.*, 2011, p. 40), por exemplo diferenças que se sobrepõem como ser pobre, negro/a<sup>3</sup> e mulher, acaba por gerar situações de desvantagens e de discriminação para determinadas camadas sociais, incidindo sobremaneira sobre a população negra, em particular, a mulher negra.

O governo Lula viu-se, portanto, desafiado a superar um quadro de desigualdades históricas a fim de promover uma democracia com justiça social reivindicada pelos movimentos sociais, e alinhada aos moldes dos princípios da igualdade equitativa de oportunidades e da diferença, defendidos por John Rawls, em 1971, na obra *Uma Teoria da Justiça*. De acordo com o teórico norte-americano, bem aos moldes neoliberais, em todos os setores da sociedade deverão existir “perspectivas mais ou menos iguais de cultura e realizações para todos os que têm motivação e talentos semelhantes” (RAWLS, 2009, pp. 87-88), pois, segundo ele, as “expectativas dos que têm as mesmas capacidades e aspirações não devem sofrer influência da classe social à qual pertencem”. Todavia, numa sociedade desigual como a brasileira, o racismo, o sexismo e o classismo estruturais tornam-se impeditivos, e exigem dos tomadores de decisão perspectivas e ações que contemplem as demandas de segmentos historicamente alijados de direitos por parte do Estado.

A partir da retomada do desenvolvimentismo no Brasil, a inclusão social permeou as políticas estratégicas direcionadas para a educação, a ciência, a tecnologia e a inovação no propósito final de acelerar o crescimento sem perpetuar desigualdades. Uma visão que

2 Esse termo foi cunhado em 1989 pela norte-americana Kimberlé Williams Crenshaw ao constatar o tratamento diferenciado vivido pelas trabalhadoras negras na General Motors. Em termos de pesquisa, o termo passou a ser usado para evidenciar as violências contra mulheres negras de classes desfavorecidas nos EUA. Ver Crenshaw, K. W. (1989). A interseccionalidade muito mais do que uma categoria ou conceito acadêmico passa a ser vista como uma ferramenta analítica pensada por feministas negras, cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros (AKOTIRENE, 2019).

3 Embora a referência a mulheres abarque as mulheres negras, optou-se por incluir o artigo 'a' em movimento negro/a, posto a compreensão que a pauta racial singulariza a trajetória deste segmento no interior do racismo à brasileira (TELES, 2003).

se contrapôs à equidade abarcada pelo Estado neoliberal no Brasil durante as duas últimas décadas do século XX, que se ancorava em um mínimo de inclusão a fim de controlar as tensões sociais prejudiciais à acumulação do capital. Conforme Silva (2012, p. 132), o dogma neoliberal não se pautava em eliminar as condições institucionais geradoras da desigualdade e da concentração de renda, uma vez que não se tinha em vista “a busca da justiça social igualitária, mas o ajuste da desigualdade social” para que ela se justificasse e se tornasse compatível com as novas condições de expansão do capital.

Nos rumos da nova visão desenvolvimentista, observam Heilborn *et al.* (2011), o Estado assume o protagonismo de promotor de políticas públicas em parceria com os movimentos sociais organizados, como os das mulheres e o dos negros/as. Nesse sentido, os governos Lula e Dilma endossaram a ideia de desigualdade como um impeditivo estrutural para o desenvolvimento, uma vez que “limita” o crescimento, transformando-o em instrumento de concentração de renda. Por isso, para enfrentar esse desafio, a equidade (social, regional, entre gêneros, de raça/etnia, etc.) passa a ser “a base orientadora das políticas públicas”, sendo a educação “elemento transformador de longo prazo e de perenização dessa transformação” (BRASIL, 2011, p. 17).

Contra as mazelas estruturais da sociedade brasileira que repercutem na educação superior, ganharam impulso políticas públicas voltadas para maior acesso à graduação e à diversidade. São exemplos os programas para a expansão e interiorização da rede de universidades federais (Reuni) e de oferta de bolsas em instituições da rede privada (ProUni), bem como a lei 12.711/2012, a chamada Lei de Cotas, que reserva 50% das vagas em instituições federais públicas, a estudantes que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas<sup>4</sup>.

A educação passou, portanto, a eixo estruturante do novo ciclo desenvolvimentista brasileiro, agora entendido como “articulador de políticas públicas pró-equidade” (BRASIL, 2011, p. 25). A internacionalização acadêmica e a científica tomaram parte do processo de ingresso do Brasil na sociedade/economia do conhecimento capitalista. Esse entendimento foi ratificado no documento Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2019, elaborado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), segundo o qual o “Brasil tem deficiências históricas a serem superadas, especialmente no que tange às desigualdades sociais e às assimetrias regionais, sejam de caráter produtivo ou na produção e acesso à ciência, tecnologia e inovação, o que impede seu pleno desenvolvimento” (BRASIL, 2016, p. 83).

Por consequência, o acesso ao programa de mobilidade estudantil internacional adquiriu *status* para formação e inserção profissional. Se, antes, o diploma universitário era vislumbrado como “um passaporte para ascensão social” (PIOVESAN, 2005, p. 51), em tempos de globalização e de internacionalização da educação superior, a oportunidade

---

<sup>4</sup> Dentro dos 50% contempla-se uma porcentagem proporcional à presença negra nos territórios de implementação, as chamadas vagas para estudantes PPIs (pretos/as, pardos/as e indígenas).

de uma bolsa para estudar fora do país e aperfeiçoar o currículo e o inglês pode significar o diferencial entre os eleitos para o sucesso no mercado global. Perspectiva de desenvolvimento socioprodutivo que se abriu no Brasil com o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF).

### 3 I MUDANÇA DE ROTA NO ATLÂNTICO: DE PORTUGAL PARA OS EUA

Instituído pelo Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011, o CsF trouxe, como objetivo principal, a preocupação em “propiciar a formação e a capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência” em áreas de conhecimento eleitas em razão do potencial para a sobrepujança do setor produtivo nacional. A meta esperada era enviar, em quatro anos, 101 mil estudantes de graduação e pós-graduação nas áreas de ciências, tecnologias, engenharias e matemática para universidades bem posicionadas nos *rankings* internacionais.

Nesse sentido, alguns autores do novo desenvolvimentismo brasileiro vão interpretar esse modelo de governança nacional como uma hibridização de avanços sociais com princípios neoliberais, no sentido atribuído por Boito Jr. e Berringer (2013, p. 32) de “ser a política de desenvolvimento possível dentro dos limites dados pelo modelo capitalista neoliberal”. Porém, no âmbito do programa de intercâmbio, entendemos que os interesses econômicos para atender aos mercados, interno e externo, se sobrepujaram aos de justiça social. Essa relação ficará mais evidente a partir dos dados apresentados mais adiante, na terceira parte deste artigo.

Por ora, discorreremos sobre a hegemonia da língua inglesa no CsF e como essa prevalência revelou-se paradoxal face a um país onde os estudantes, em sua maioria, apresentam baixa proficiência no idioma. Na edição do relatório *EF English Proficiency Index* (EF EPI), de 2015, o Brasil aparece no grupo de “baixa proficiência”, e na 41ª posição no *ranking*, entre 70 países, de população adulta com domínio do inglês. Portugal aparece na 13ª colocação, sendo classificado como de “proficiência alta”. A dificuldade com o idioma também foi evidenciada na amostra da pesquisa. Quase 41% dos 1.283 bolsistas enviados para instituições nos Estados Unidos, entre 2012 e 2015, precisaram aprimorar o inglês em cursos de imersão no país antes do início das aulas do intercâmbio.

Essas informações reforçam o argumento de que em razão da inexistência de barreira linguística, as instituições portuguesas tornaram-se opção imediata para estudantes brasileiros de graduação com baixa ou nenhuma fluência na língua inglesa. O Ministério da Educação (MEC) do Brasil realizou duas chamadas públicas para selecionar estudantes de graduação para Portugal. Na primeira, de nº 113/2012, foram implementadas 2.109 bolsas, na modalidade sanduíche (até um ano de estudo em instituição de ensino ou pesquisa no exterior).

Conforme o Quadro 1, a Universidade de Coimbra, primeira instituição de educação superior criada em Portugal, no final do século XIII, foi a que mais recebeu os estudantes brasileiros.

<b>Instituição de ensino em Portugal</b>	<b>Nº de bolsistas</b>
Universidade de Coimbra	704
Universidade do Porto	379
Universidade Técnica de Lisboa	262
Universidade de Aveiro	159
Universidade do Minho	131
Universidade de Lisboa	125
Universidade de Évora	75
Universidade Nova de Lisboa	59
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro	37
Universidade do Algarve	37
Universidade da Beira Interior	33
Universidade Católica Portuguesa – Lisboa	32
Universidade Católica Portuguesa – Porto	25
Universidade dos Açores	11
Instituto Universitário de Lisboa	10
Universidade da Madeira	8
Instituto Politécnico de Bragança	6
Instituto Politécnico de Coimbra	4
Escola Superior de Enfermagem de Coimbra	4
Universidade do Minho - Azurém	3
Escola Superior de Tecnologia de Saúde de Coimbra	2
Instituto Politécnico do Porto	2
Instituto Gulbenkian de Ciência	1
<b>Total</b>	<b>2.109</b>

Quadro 1 – Distribuição de bolsistas – Chamada nº 113/2012  
 Fonte: Website Bolsistas pelo Mundo, dez. 2015

Os bolsistas enviados para Portugal estavam matriculados em 17 cursos definidos como prioritários pelo CsF, dentro da lógica desenvolvimentista que, como vimos, não se desvencilhou por completo dos tentáculos da nova ordem do capitalismo da chamada economia do conhecimento. Aliás, tal como refere Afonso (2015, p. 272), a economia do conhecimento é “o lado mais pragmático e lucrativo da aprendizagem ao longo da vida e da sociedade do conhecimento, ou seja, é o contexto onde atualmente se expressa a relação mais evidente entre a produção de conhecimento e os novos processos de acumulação capitalista”.

Sob essa perspectiva, a participação do Brasil no processo global de internacionalização da educação superior deve ser percebida tendo em conta esses e outros aspectos. O entendimento é de que as decisões dos Estados no campo da educação

internacional se estabelecem política e geograficamente em “novas arenas de governança” (LEUZE *et al.*, 2007, p. 8), ou seja, um campo de ação política em que diferentes atores se digladiam para ter metas e objetivos atendidos tornam o estudo das políticas públicas cada vez mais complexo. Nesse contexto, o Estado brasileiro elege o conhecimento que pode resultar em lucro, tendo em vista “os setores em que a sustentabilidade está ameaçada e os setores nos quais o Brasil possui vantagem comparativa” (BRASIL, 2011, p. 34).

Na mobilidade estudantil para Portugal, foco deste artigo, predominaram estudantes que estavam matriculados em cursos de “engenharias e demais áreas tecnológicas” e “biologia, ciências biomédicas e da saúde”, seguindo a tendência do CsF na sua amplitude. Essas duas grandes áreas de conhecimento somaram 1.218 bolsas, correspondente a 57,5% do total. O Gráfico 1, a seguir, ilustra a distribuição dos bolsistas desses dois campos pelas instituições portuguesas que mais receberam os estudantes selecionados pela Chamada Pública nº 113/2012.

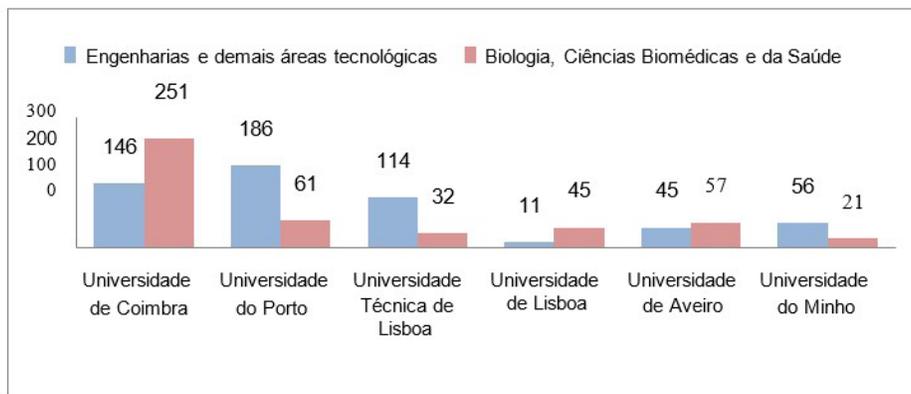


Gráfico 1 – Bolsistas por área de conhecimento e instituição portuguesa  
 Fonte: Website Bolsistas pelo Mundo, mar.2016

Como se observa, a Universidade de Coimbra foi a instituição que mais recebeu bolsistas das áreas de biológicas e da saúde, ou seja, 43,3% do total de 580 bolsas. De outra parte, a Universidade do Porto liderou o *ranking* entre os estudantes de engenharias e áreas tecnológicas, atraindo 29,2% dos 638 bolsistas matriculados em cursos desse campo de conhecimento. Ainda em 2012, o governo federal do Brasil abriu um novo edital para Portugal. De um total de 28.191 inscritos, 10.347 foram selecionados e, posteriormente, realocados para oito destinos, conforme o Quadro 2.

<b>País</b>	<b>Nº de bolsistas</b>
Estados Unidos	2.854
Reino Unido	2.293
Austrália	1.313
Canadá	1.219
Itália	873
Irlanda	708
França	574
Alemanha	513
<b>Total</b>	<b>10.347</b>

Quadro 2 – Realocação de bolsistas da Chamada nº 127/2012

Fonte: Portal CsF/Inscrições e resultados, mar./2016

O número demasiado de universitários interessados em frequentar instituições portuguesas levou o governo do Brasil a suspender o edital da Chamada 127/2012, sob o argumento de que o programa objetivava, também, melhorar a proficiência dos estudantes em língua estrangeira. Em decorrência dessa ação, estudantes de classes econômicas de baixa renda e com pouco conhecimento de inglês, de forma paradoxal ao mesmo tempo que foram excluídos também tiveram a chance de estudar o idioma no exterior, antes de ingressar na instituição do intercâmbio. Assim, a parceria com o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) foi escanteada em detrimento de parceiros, em especial, anglófonos (ver Quadro 2).

Todavia, estudantes com alto rendimento acadêmico e com perfil de fragilidade social entraram em desvantagem na disputa pelas bolsas em razão do reflexo de diferentes fatores sobre a proficiência em língua inglesa. Segundo as autoras, “homens brancos, de maior renda, em sua maioria proveniente de escolas de ensino secundário privadas, apresentaram maior domínio da língua inglesa” (BORGES; GARCIA-FILICE, 2016, p. 88) em relação às mulheres, aos negros/as e a bolsistas de baixa renda que frequentaram escolas públicas.

No balanço final do CsF, os Estados Unidos e os países do Reino Unido (Inglaterra, Irlanda do Norte, Escócia e País de Gales), todos tendo a língua inglesa como oficial, lideraram o *ranking* entre os destinos dos bolsistas ao atraírem para as suas instituições 38.561 estudantes, 41,5% do total. Portugal aparece na 9ª posição, com 4,1% dos participantes entre todas as modalidades de bolsas, o que inclui estudantes de graduação e pós. Sobre essa hegemonia dos países anglófonos, Steven Ball assinala que “em estados onde o inglês é a língua falada assistimos a movimentos em direção a uma maior uniformidade e determinação central, o regresso das políticas liberais do século XIX e a abertura da educação para os que buscam lucro” (BALL, 2001, p. 112).

Não é de se admirar, portanto, o interesse do então presidente Barack Obama pelo CsF, que serviu na medida certa à política expansionista da internacionalização da educação

superior norte-americana após a crise financeira mundial de 2008, reflexo do rombo no mercado de hipotecas dos Estados Unidos. Sobre essa dinâmica inter-relacionada, Spears (2014, p. 159) definiu o programa brasileiro de mobilidade científica como nada mais do que “um pacote de estímulo projetado pelo governo federal para impulsionar as pesquisas nas áreas de ciência, tecnologia, a indústria e a proeminência global” e “intencionalmente dirigido para atender aos interesses tanto da economia brasileira quanto da norte-americana”<sup>5</sup>.

Diante do potencial lucrativo da mobilidade internacional de estudantes, Obama iniciou em 19 de março de 2011, pelo Brasil, uma peregrinação pelos países da América do Sul à procura de acordos para o fomento da educação transnacional. As visitas tinham o objetivo de divulgar o programa de mobilidade estudantil *100,000 Strong in the Americas*. Financiado pelo Departamento de Estado dos EUA, em parceria com o setor privado, esse programa estabeleceu por meta até 2020 a mobilidade anual de 100 mil estudantes entre os Estados Unidos e a América Latina e Caribe.

Em 26 de julho de 2011, em discurso a empresários e membros do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES) da Presidência da República, a presidente Dilma Rousseff anunciou a criação do CsF como ação estratégica para suprir carências em elevada formação superior do país, principalmente, de cientistas e de engenheiros. Em dezembro desse mesmo ano, nove meses depois da visita de Obama, o CsF foi lançado e considerado fundamental para o desenvolvimento e inovação do setor produtivo nacional.

Desde janeiro de 1995, a partir do Acordo Geral sobre Comércio de Serviços (GATS)<sup>6</sup> e a lógica econômica global a imperar sobre a educação superior, os estudantes internacionais são percebidos como parte da nova engrenagem capitalista e o saldo tem se mostrado positivo para os EUA. Os 974.926 estudantes internacionais, juntamente com suas famílias e recursos enviados por seus países, foram responsáveis por incrementar a economia norte-americana em 30,5 bilhões de dólares e 373,4 mil empregos durante o ano letivo de 2014-2015, conforme dados da *Association of International Educators (Nafsa)*.

Em decorrência do CsF, o número de estudantes brasileiros de graduação em instituições norte-americanas foi de 23.676 entre 2014 e 2015, colocando o Brasil em 6º lugar entre todos os países que enviaram bolsistas para os EUA<sup>7</sup>. Antes do CsF, no ano letivo 2010/2011, havia 8.777 estudantes brasileiros no país, ou seja, registrou-se um aumento de 170% no fluxo para instituições norte-americanas no letivo 2014/2015.

De outra parte, há de se considerar a Declaração de Bolonha, assinada em junho de 1999 por 29 ministros de educação, que teve o propósito de facilitar a mobilidade entre os

5 Para melhor compreender o contradiscurso em relação a essas posturas, ler OLIVA et al. (2018) e JESUS et al. (2019).

6 Anunciado em 1996 pela Organização Mundial do Comércio (OMC) o GATS permitiu a expansão de serviços educacionais. De acordo com o artigo 1, entre os quais: i) a oferta transnacional de serviços educacionais por meio da internet, como cursos e-learning e de universidades virtuais; ii) a educação transnacional (estudar no exterior por meio de intercâmbio); iii) o estabelecimento de negócios no exterior, como subsidiárias de universidades privadas ou franquias de escolas; e iv) a presença de pessoas, como professores nativos em escolas de idiomas.

7 Segundo dados do Relatório IIEE Open Doors. Acesso em 2 de dez.2015: <http://www.iiee.org/Research-and-Publications/Open-Doors>.

estudantes dos diferentes países europeus, fazendo da Europa “uma economia baseada no conhecimento mais competitivo do globo, com impacto na redefinição da disputa pela hegemonia planetária até o final do novo século” (MELLO, 2011, p. 29). Alinhado a essa visão, Teodoro (2014, p. 229), afirma que “vários autores sublinham a lógica neoliberal subjacente ao Processo de Bolonha, assente na redução da responsabilidade social do Estado e na ideia da educação como um bem privado”.

Na visão de Santos (2011), o acordo de Bolonha deve ser entendido como estratégia da União Europeia para preparar as suas universidades “para competir em boas condições (ou seja, em condições lucrativas) no mercado transnacional da educação superior” (p. 37). Por isso, a ideia de um espaço universitário europeu com regras padronizadas para estruturas curriculares, sistemas de certificação e de avaliação para fomentar a mobilidade, inicialmente dentro da União Europeia e, mais adiante, em escala global. Portugal não se exclui desse processo. Ainda que semiperiférico no contexto mundial, o país exibe força para atrair estudantes brasileiros por razões de similaridades históricas e culturais e por estar inserido no espaço europeu que se esforça por legitimar, a nível mundial, a qualidade do ensino superior; e o já anunciado fator linguístico.

Em suma, a adesão a tratados internacionais, seja sob o prisma do GATS ou de Bolonha, o CsF potencializou um vasto nicho mercadológico para países centrais do capitalismo mundial. Nessa dinâmica, entender em que medida as desigualdades da sociedade brasileira refletiram-se no processo seletivo do CsF torna-se essencial para corrigir rumos de futuras políticas públicas de internacionalização da educação superior brasileira. Embora, o princípio da equidade com justiça social tenha sido uma preocupação das políticas sob o novo modelo desenvolvimentista no Brasil, passou ao largo no âmbito do programa CsF. Critérios de gênero, raça, classe, origem geográfica ou escolar não foram considerados no processo seletivo de bolsistas. Essa constatação nos levou a problematizar essa relação, considerando a interseccionalidade de gênero, raça e classe com a proficiência em língua inglesa.

## **4 | INTERSECCIONALIDADE E DESIGUALDADES REFLETIDAS NO CSF**

O olhar sobre a produção de desigualdades no contexto específico do CsF permitiu-nos perceber as relações de discriminação latentes na intersecção das variáveis de gênero, raça e classe entre os estudantes que cumpriram o programa de mobilidade em instituições dos Estados Unidos. Dados oficiais do programa, publicados no Painel de Controle do CsF, mostram que a maioria (57,2%) das bolsas implementadas na modalidade de graduação sanduíche foi entregue a candidatos do sexo masculino. Nota-se então uma inversão na prevalência de gênero a partir do intercâmbio, uma vez que as mulheres respondem por 55% das matrículas em cursos superiores presenciais no Brasil (INEP, 2014).

Essa supremacia do gênero masculino pode ser explicada, mas não justificada,

pela prioridade na concessão de bolsas a estudantes de engenharias e tecnologias, cursos em que os homens são a maioria nas cinco regiões do país. Entre os 18 campos de conhecimento priorizados pelos CsF, em conformidade com a estratégia da política desenvolvimentista para o Brasil, as tecnologias e as engenharias ficaram com 44,8% das bolsas implementadas<sup>8</sup>. Dos 41.502 bolsistas matriculados nesses cursos, 66,3% eram homens. Ao não estabelecer critérios para equilibrar a concessão de bolsas, o CsF promoveu a discriminação por gênero. Assim, a assimetria que já ocorre nessas áreas de conhecimento nas instituições brasileiras prolongou-se na dimensão internacional.

Em relação à raça, o programa CsF também perpetuou a desigualdade incrustada na sociedade brasileira, uma vez que a mobilidade para os Estados Unidos traduziu-se num espaço de privilégio para os estudantes brancos. Dados oficiais do programa mostram que dos 9.892<sup>9</sup> desses bolsistas, 6.100 eram brancos (61,7%) e 3.114, negros (31,5%). Em sua pesquisa sobre o perfil de estudantes de graduação nos EUA, tendo por base amostra de 1.283 bolsistas<sup>10</sup>, Borges (2015) obteve uma estratificação bem próxima aos dados gerais: 819 bolsistas brancos (63,8%) e 424 negros (33%).

Embora no Brasil, a população negra seja 20,4% maior do que a branca entre 18 e 24 anos<sup>11</sup>, na educação superior ocorre uma inversão: com mais jovens brancos matriculados em cursos presenciais e a distância de instituições de ensino superior, públicas e privadas<sup>12</sup>. Enquanto 13,5% dos 10,6 milhões de jovens brancos, de 18 a 24 anos, chegaram à educação superior, apenas 6,3% dos 12,8 milhões de negros, nessa faixa etária, encontravam-se matriculados em cursos superiores no Brasil<sup>13</sup>. A partir da análise estatística (com suporte do SPSS, versão 18.0) pelo critério de raça tendo em conta a distribuição dos bolsistas do CsF nos cursos de engenharias e tecnologias, áreas de maior concentração de bolsas nos EUA, verificamos que os estudantes negros ficaram com menos de um terço (29,7%) do total das mesmas<sup>14</sup>.

Em relação à classe<sup>15</sup>, predominou a participação de bolsistas vindos de famílias mais

8 Cálculo teve por base 92.880 bolsas implementadas: [www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle). Acesso em: 6 abr. 2016.

9 Esse quantitativo refere-se às bolsas implementadas e limita-se aos estudantes que preencheram o questionário socioeconômico, implementado a partir do segundo semestre de 2012. Os dados foram obtidos pelo Sistema Eletrônico do Serviço de Informação ao Cidadão (e-SIC) e repassados à pesquisa que deu origem a este artigo em 3 nov. 2015.

10 A amostra foi calculada a partir de fórmula definida por Richardson et al. (2014) para situações em que a população universo é conhecida. Na pesquisa de Borges (2015), os 27.803 estudantes de graduação enviados para os EUA.

11 De acordo com o Censo Demográfico divulgado pelo IBGE em 2012, o Brasil possuía em 2010, na faixa etária de 18 a 24 anos, 10.654.189 jovens brancos e 12.834.452 negros.

12 O Censo da Educação Superior de 2013, do INEP, registra 1.829.692 estudantes brancos matriculados em graduação no Brasil, sendo 520.730 em instituições públicas; os jovens negros somavam 1.131.021. Desses, 387.200 estavam em instituições públicas.

13 O cálculo levou em consideração os dados do Censo da Educação Superior de 2011 por maior aproximação com a contagem populacional do IBGE, em 2010. Na sinopse do Censo da Educação Superior de 2010 do Inep não foi encontrado registro de cor/raça.

14 Registra-se que, 2020, cinco anos após este estudo, devido às Cotas, houve uma mudança no perfil racial nas IES brasileiras: <https://www.abpn.org.br/catalogos-abpn>

15 A definição de classe em Borges (2015) encontra-se associada às condições econômicas, parâmetro utilizado no estudo sobre a classe média brasileira, da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República do Brasil.

ricas. Os dados oficiais do CsF<sup>16</sup>, com base em 8.511 bolsistas de graduação sanduíche nos EUA que declararam a renda, mostram que 36% ganhavam acima de seis salários mínimos<sup>17</sup> e 15%, até dois salários mínimos. Percebe-se, portanto, uma participação menor de estudantes oriundos de camadas mais fragilizadas pelas condições econômicas. Nota-se a participação dos bolsistas mais ricos nas áreas de engenharias e tecnologias: 34,8% maior em relação aos mais pobres (Borges, 2015).

A intersecção de variáveis econômicas e raciais na análise estatística permitiu perceber o impacto sobre a aquisição da língua inglesa. A imersão em curso de idioma nos EUA, benefício previsto no CsF, foi indicado como o principal meio de aquisição da fruição em inglês, principalmente pelos estudantes negros e pobres, na seguinte proporção: 28,1% dos negros e 16,7% dos brancos; 15,4% dos bolsistas de maior renda familiar e 37,5%, dos de menor renda.

Os dados coletados ratificam o quanto as desigualdades de gênero, raça e classe permanecem cruéis na sociedade brasileira e projetam-se no CsF. Por isso, o peso de considerá-las nas políticas de Estado, que primam por desenvolvimentismo com justiça social. No conjunto, afirma Garcia-Filice (2011, p. 74), “parece existir uma cegueira social e histórica constitutiva da cultura brasileira que nubla os conflitos de cunho racial e supervaloriza, como fator de desenvolvimento da sociedade, apenas o combate à disparidade socioeconômica”. A interseccionalidade se apresenta como ferramenta fundamental para pensar as políticas públicas em realidades tão desiguais como a brasileira.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo percorreu duas fontes oficiais de dados e outra, de pesquisa autoral, para mostrar duas contradições bastante evidentes no maior investimento do governo brasileiro em uma política de internacionalização da educação superior. Nas duas primeiras partes discorreu-se sobre os impactos da fragilidade do ensino de língua inglesa nas escolas, o que se mostrou inadequado para uma política democrática de internacionalização orientada sob as premissas de justiça social do novo desenvolvimentismo do Estado brasileiro. Assim, diante da baixa proficiência num segundo idioma, houve uma procura demasiada por instituições portuguesas de ensino superior. Esse fluxo da mobilidade pendular a Portugal provocou uma reflexão sobre condições desiguais e estruturais refletidas na participação de estudantes no Ciência sem Fronteiras, que acabou por ser extinto em 2016 pelo governo Michel Temer. Apesar das suas contradições, o programa foi de grande importância para a mobilidade estudantil, incomparável a qualquer outro no Brasil.

Na terceira parte, o artigo revelou o quanto as desigualdades de gênero, raça e

---

Embora na pesquisa, ela tenha utilizado quatro grupos de renda, nesse artigo a autora faz menção aos extremos: grupo dos mais ricos (30%) e dos mais pobres (6,2%) entre os bolsistas de graduação nos EUA, respectivamente com renda familiar superior a R\$ 7 mil e inferior a R\$ 1 mil.

<sup>16</sup> Dados solicitados por Borges (2015) pelo e-SIC, em 3 nov. 2015.

<sup>17</sup> O salário mínimo em 2015 no Brasil correspondia a R\$ 788,00, cf. Decreto nº 8.381/2014.

classe se fizeram presentes neste programa de mobilidade, inclusive na aquisição da língua inglesa, desvelando-o como um espaço privilegiado para estudantes brancos, do gênero masculino e oriundos de famílias de maior renda. Esse cruel sistema de exclusão social e racial mostrou-se “em dissonância com a economia global, uma vez que se torna prejudicial à competitividade e à produtividade do país ao impedir que talentos avancem na aquisição do conhecimento” (BORGES; GARCIA-FILICE, 2016, p. 94). Por isso, torna-se imperativo ao Estado brasileiro na concepção de um novo paradigma desenvolvimentista, de fato, vinculado ao social, perceber as iniquidades em políticas públicas como o resultado de uma “complexa interação de distintos fatores e dinâmicas sociais” (HANKIVSKY, 2014, p. 2), tais como raça, etnia, gênero, classe, origem geográfica, habilidades e inabilidades. Aspectos muitas vezes considerados individuais, quando, na verdade, emergem de estruturas desiguais e da falta de oportunidades e que precisam ser levados em consideração para avanços em políticas desenvolvimentistas e de internacionalização da educação superior com foco em justiça social.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Almerindo Janela. A educação superior na economia do conhecimento, a subalternização das ciências sociais e humanas e a formação de professores. **Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 20, n. 2, p. 269-291, 2015. DOI: 10.590/S1414-40772015000200002.

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152 p.

BALL, Steven. J. Diretrizes políticas globais e relações políticas locais em educação. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n. 2, p. 99-116, 2001.

BOITO JR., Armando; BERRINGER, Tatiana. Brasil: classes sociais, neodesenvolvimentismo e política externa nos governos Lula e Dilma. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 21, n. 47, p. 31-38, 2013. DOI: 10.1590/S0104-44782013000300004.

BORGES, Rovênia Amorim. **A interseccionalidade de gênero, raça e classe no Programa Ciência sem Fronteiras: um estudo sobre estudantes brasileiros com destino aos EUA**. Orientadora: Renísia Cristina Garcia-Filice. 2015. 215 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BORGES, Rovênia Amorim; GARCIA-FILICE, Renísia Cristina. A língua inglesa no Programa Ciência sem Fronteiras: paradoxos na política de internacionalização. **Interfaces Brasil/Canadá**, v.16, n.1, p. 72-101, 2016.

BRASIL. **Decreto nº 7.642, de 13 de dezembro de 2011**. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. Diário Oficial da União, seção 1, n. 239, p. 7.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). **Estratégia Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação 2016-2019**. Brasília: MCTI, 2016.

BRASIL. Presidência da República Federativa do Brasil. **Agenda para o novo ciclo de desenvolvimento**. 2 ed. Brasília: Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), 2011.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**, University of Chicago Legal Forum: 1989. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 10 de ago. 2016.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra; CUNHA, André Moreira; BICHARA, Julimar da Silva. O Brasil na Era Lula: retorno ao desenvolvimentismo? **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 403-428, 2013. DOI: 10.1590/S0103-63512013000200006.

GARCIA-FILICE, Renísia Cristina. **Raça e classe na gestão da educação básica brasileira**. Orientadora: Maria Abádia da Silva. 2010. 342 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

HANKIVSKY, Olena. **Intersectionality 101**. Vancouver, BC: Institute for Intersectionality Research and Policy, Simon Fraser University, 2014.

HEILBORN, Maria Luíza, ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia (orgs.). **Gestão de políticas públicas em gênero e raça - GPP-GeR**: módulo V. Rio de Janeiro; Brasília: Centro de Estudos e Pesquisa em Saúde Coletiva (Cepesc); Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP), 2014. **Resumo técnico Censo da Educação Superior de 2012**. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo\\_tecnico\\_censo\\_educacao\\_superior\\_2012.pdf](http://download.inep.gov.br/download/superior/censo/2012/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2012.pdf). Acesso em: 15 ago. 2015.

JESUS, Leandro Santos Bulhões; BARROS, Miguel; GARCIA FILICE, Renísia Cristina (Org.). **Tecendo redes antirracistas II: contracolônização e soberania intelectual**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2020. v. 2. 348p.

LEUZE, Kathrin; MARTENS, Kerstin; RUSCONI, Alessandra. New Arenas of Education Governance - the impact of international organizations and markets on education policy making. In: MARTENS, Kerstin; RUSCONI; LEUZE, Kathrin (ed.). **New Arenas of Education Governance**. The impact of international organizations and markets on education policy making. New York: Palgrave Macmillan, 2007. p. 3-15.

MELLO, Alex Fiúza de. **Globalização, sociedade do conhecimento e educação superior**: os sinais de Bolonha e os desafios do Brasil e da América Latina. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

OLIVA, Anderson Ribeiro; CHAVES, Marjorie Nogueira; GARCIA FILICE, Renísia Cristina; NASCIMENTO, Wanderson Flor. **Tecendo Redes Antirracistas: Áfricas, Brasis, Portugal**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. 255p.

PIOVESAN, Flavia. Ações afirmativas da perspectiva dos direitos humanos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 43-55, 2005. DOI:10.1590/S0100-15742005000100004.

RAWLS, John. **Uma Teoria da Justiça**. Tradução: Jussara Simões. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social. Mé todos e Técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SICSU, João; PAULA, Luiz Fernando de; MICHEL, Renalt. Por que novo-desenvolvimentismo?. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 27, n. 4, p. 507-524, 2007.  
DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31572007000400001>.

SILVA, Sidney Reinaldo da. **Estado, Educação e equidade no Brasil**: a formação gerenciada da cidadania. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

SPEARS, Eric. O valor de um intercâmbio: mobilidade estudantil brasileira, bilateralismo & internacionalização da educação. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 1, p. 151-163, 2014.  
DOI:10.14244/198271991026.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.

TEODORO, António. A Educação Superior na Europa e América Latina. Propostas para uma Universidade cidadã no século XXI. **Revista Argentina de Educación Superior**, v. 6, n. 8, p. 219- 250, 2014.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Abandono Emocional 47  
Achille Mbembe 6, 52, 53, 62, 64  
Antropologia 33, 34, 89, 109, 182, 186, 187, 223, 230

### B

Base Nacional Curricular Comum 185

### C

Ciência sem Fronteiras 7, 110, 111, 114, 121, 122  
Classes Sociais 7, 29, 122, 166  
Comunidades Rurais 98, 99, 104  
Consciência Ecológica 83, 86, 89, 95  
Costureiros 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 178  
Crimes contra a honra 207, 213, 214  
Crise da modernidade ocidental 6, 1, 2, 10  
Currículo básico 5, 7, 180, 181, 190

### D

Deleuze 52, 64, 129, 138  
Democracia racial 5, 6, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 37  
Desigualdade Social 15, 113, 223  
Direitos da infância 209, 219  
Ditadura Civil-Militar 177, 223, 224

### E

Ecologia de saberes 1, 2, 3, 7, 12, 16  
Escola de Chicago 83, 90, 91, 95  
Espiritualidade 125, 126, 127, 129, 132, 135, 137, 138, 139  
Estado Democrático de Direito 207, 208, 214, 218  
Ética do cuidado 5, 6, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 79, 80  
Ética profissional 69, 141, 142, 143, 145, 147, 148, 150

### F

Favela de Acari 220, 222

## **G**

Gilberto Freyre 19, 21, 23, 34, 36, 197, 205

## **H**

Human Exemptionalism Paradigm 91

## **I**

Interseccionalidade 110, 112, 119, 121, 122

## **M**

Mães de Acari 8, 220, 221, 222, 226, 228, 229, 230, 231

Memória Coletiva 98, 100, 106, 108, 109

Mercado de trabalho 7, 152, 154, 155, 156, 157, 160, 162, 163, 164, 224

Michel Foucault 6, 52, 53, 58

Mobilidade Espacial 98, 106, 107, 108

Modelo Patriarcal 212, 215

Movimento Negro 111, 112

## **N**

New Environmental Paradigm 83, 91

Nova Era 125, 126, 128, 129, 130, 132, 135, 137, 138

## **P**

Pós-modernidade 6, 1, 2, 6, 7, 11, 15

Projetos Intervencionista 98

## **Q**

Quilombo 19, 23, 35, 36

## **R**

Regime de Poder 6, 52, 53, 57, 63

Relativização 25, 136, 140, 141, 144

## **S**

Sigilo Profissional 7, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151

Sul Global 1, 2, 3, 5, 6, 7, 16

## **T**

Teoria Moral 69, 70, 71, 79, 81

Teoria Política 56, 193

## V

Violência contra a mulher 207, 208, 219

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

 **Atena**  
Editora

Ano 2021

# SOCIOLOGIA:

## Das Ausências às Emergências

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)